

de Nossa Senhora, que deu-se no Pontificado de Pio XII em 1950, a faculdade foi premiada com a honrosa titulação de Maria Santíssima, que a identifica desde então como uma instituição de ensino eclesialístico com direito pontifício. A escola já teve à sua frente 3 grãos-chanceleres e 11 diretores.

O primeiro Grão-chanceler foi o Emmo. Sr. Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta e no período de seu arcebispado (1950-1964) a Faculdade teve os seguintes diretores: Mons. Luiz Gonzaga de Almeida, Pe. Antonio Simas Magalhães, Pe. Roberto Pinarello de Almeida e Mons. Roberto Mascarenhas Roxo.

O segundo Grão-chanceler foi o Emmo. Sr. Cardeal D. Agnelo Rossi e no período de seu arcebispado (1964-1970) a Faculdade teve os seguintes diretores: Pe. Dario Benedito Bevilacqua e Pe. Eugenio Cywinski.

O terceiro Grão-chanceler foi o Emmo. Sr. Cardeal D. Paulo Evaristo Arns e no período de seu arcebispado (1970-1998) a Faculdade teve os seguintes diretores: Côn. Geraldo Majela Agnello, Pe. Benedicto Beni dos Santos, Pe. Antonio Aparecido da Silva, Pe. Giuseppe Benito Pegoraro, Côn. José Adriano e Pe. José Benedito Simão.

Atualmente o Grão-chanceler da Faculdade é o Exmo. Sr. D. Cláudio Hummes, que assumiu o arcebispado de São Paulo em 23 de maio de 1998.

Desde sua fundação a Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção conferiu o título de bacharel em teologia para 1.551 alunos, o título de mestre nas diversas áreas teológicas para 332 alunos e o título de doutor nas diversas áreas teológicas para 23 alunos. É interessante ressaltar que o primeiro doutorando de nossa escola é o bispo emérito de Uberaba – MG, S. Excia. D. Benedito de Ulhoa Vieira.

Neste novo tempo jubilar, como comunidade acadêmica, acreditamos que a vontade de Deus-Pai e também da mãe da Igreja, a querida Assunta aos céus, a honrada padroeira de nossa escola, é que nos preocupemos e nos esforcemos pela busca de um novo paradigma teológico que não dê as costas à realidade das tantas feições desumanizadas que se identificam com as do Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus que nos questiona e interpela. Por intercessão de Maria e pela sabedoria e fortaleza do Espírito Santo, que faz de nós sua morada predileta, unidos numa só Fé e Esperança, somos como homens e mulheres do Evangelho, convocados a nos comprometermos com um novo futuro, cujo sentido seja a civilização do amor, cuja lógica seja a da partilha, da solidariedade e da promoção da vida. O nosso propósito como acadêmicos e evangelizadores, pessoas consagradas ao serviço de Deus também no exercício pastoral do ensino da ciência sagrada, é oferecer sempre um melhor conhecimento teológico que forme e especialize sempre mais grandes e verdadeiros mestres evangelizadores do Reino do Senhor Jesus.

Pe. Dr. José Benedito Simão
Diretor

AULA INAUGURAL

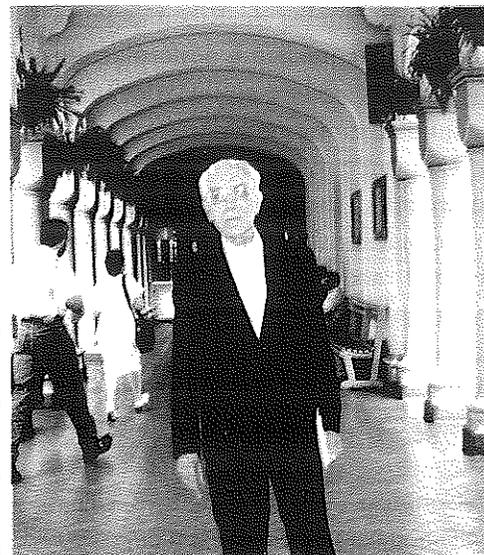
Dom Benedito de Ulhoa Vieira

FACULDADE CINQUENTENÁRIA DE TEOLOGIA: PARABÉNS, VOTOS, BÊNÇÃOS DO CÉU, SOB O OLHAR MATERNO DA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Ao ser convidado para esta aula inaugural do jubileu áureo da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, fruto da inteligente ação do saudoso Cardeal Motta confesso ter-me faltado coragem para aceitar. Não fora a insistência um tanto desajuizada do Diretor, por certo não aceitara.

Há 27 anos já não freqüento as bibliotecas nem tenho possibilidade de participar dos simpósios acadêmicos nem mais estou a par das teses que iluminam os caminhos da Teologia. Só consigo ler pouquíssimo das novidades - boas ou menos boas - que pletoricamente se editam por ai. Nestes 27 anos fui apenas pastor, cajado em punho, sandálias de andarilho, anunciando o Evangelho ao povo de Deus e percorrendo, como estradeiro, as comunidades paroquiais e as malocas do rural mineiro. Aposentei o capelo e vesti a roupeta do missionário...

Vim, portanto, despretenso, trazer uma palavra não dos livros, mas da vida, um anseio de quem ama a



igreja, uma sutil esperança neste prelúdio do novo milênio, que já vem madrugando no calendário do tempo.

Convido os jovens, que amanhã serão presbíteros, isto é, amadurecidos ministros da Igreja e também os menos jovens que se dedicam à ciência teológica nesta Casa, a sentarem-se, como nas tabas á noite, sob o céu pontilhado de ouro, ao calor da fogueira crepitante, para ouvir de um velho pajé as histórias e as lendas que fazem a grandeza da tribo; ouvir as lições da experiência, que revelam os segredos da selva, o uso da flecha e do anzol. Como o “velho Timbira”, que “guardou a memória do moço guerreiro, do velha Tupi”, poderia dizer tes-

temunhando: "Meninos, eu vi!" (G. Dias). Aula diferente: não vão ouvir exposição de catedrático.

1. Era uma vez, um jovem. Viera da terra vermelha de Ribeirão Preto para estudar medicina neste planalto de Anchieta. Quase ao final do curso, pediu para entrar no velho Seminário da Luz, onde se consagrou a Deus no sacerdócio. Anos a fio, dirigia a vida espiritual dos futuros sacerdotes. Amável, acolhedor, austero consigo mesmo, desprendido, discreto, passava por estes claustros compassadamente, breviário sob o braço, dirigindo-se à Capela. Era ali que ele ficava horas a fio. Muito cedo, pouco antes do Congresso Eucarístico de 42, Deus o chamou para o céu. Deixou um vazio imenso no Seminário da Imaculada: Cônego José Amaral de Melo. Era nosso. Da nossa tribo. E foi um santo.

A esta altura aflora uma inquietante pergunta: seria possível ao padre de hoje ser santo? Na solenidade da ordenação sacerdotal, o bispo ordenante interroga publicamente o candidato. A Igreja toda ouve o compromisso que o ordenando assume. São todos testemunhas deste quase-juramento. A última interpelação, antes da promessa de obediência, é se o futuro presbítero quer "unir-se cada vez mais a Cristo, sumo Sacerdote, que se entregou ao Pai por nós e ser com Ele consagrado a Deus para a salvação dos homens".

A pergunta é densa. Unir-se a Cristo é tê-lo como modelo. É identificar-se com Ele, consciente e pessoalmente, a ponto de, como São Paulo, ter como sua a vida do próprio Cristo. "É Cristo que vive em mim" (Gal 2, 20).

Consagrar-se a Deus é ruptura e entrega total ao uso divino. Consagram-se o altar, o cálice, os objetos sacros. Consagra-se a pessoa, como já no Antigo Testamento exigia Deus que Aarão e seu filhos tivessem as mãos ungidas para que fossem consagrados e santificados (Ex 28, 41). E na fórmula essencial da ordenação, o celebrante pede, em favor do neosacerdote, "ao Pai todo-poderoso" que lhe renove "no coração o Espírito de santidade".

Por isto, o Papa João Paulo II, na Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* (25.03.92), citando a *Optatam Totius* do 2º Concílio Vaticano, lembra a necessidade de vivermos nós, sacerdotes, "em íntima comunhão e familiaridade com o Pai por meio de Jesus Cristo no Espírito Santo". Esta vivência vai exigir a busca, o *quaerere Deum*, tema clássico da espiritualidade cristã (cf. PDV 45 e 46). Ser santo não é convite. É dever sacerdotal.

Mas no mundo de hoje, agitado, barulhento, angustiado, pan-sexualista e hedonista, será ainda possível a um jovem voltar-se por inteiro a Deus, não ceder a cenas solitações menos sãs da modernidade, superar as ame-

ças sorrateiras dos sentidos, viver o mistério da graça, abrir espaço para a fecundidade do silêncio, embeber-se de Deus na oração, esquecer-se de si para viver para os outros, sem leseira e sem comodismo?

É um desafio estonteante que tantos já enfrentaram com denodo e hoje ainda tantos outros, com generosidade e largueza de alma, conseguem superar. É exatamente porque o mundo hodierno, que antecipa já o 3º milênio cristão, é contraditório e complexo, como já a *Gaudium et Spes* nos doutrinava, é que só podem assumir o sacerdócio os que sinceramente estão dispostos a entregar-se a Deus na "caridade pastoral" (PO 14), na radical consagração de seu amor a Cristo, no desprendimento alegre, sem as amarguras dos irrealizados.

Antigamente (não sei se é assim hoje) em certo mês do ano, nos canteiros que ladeiam os claustros desta Casa, havia uma florada de lírios - talagarça esbranquiçada de indescritível beleza: um símbolo e um auspício.

Que nos místicos campos desta jubilar Escola de ciência teológica, brote primaveril florada de novos Anchietas, de homens novos como Dom Vital, professor de nosso Seminário de São Paulo, como Dom José Gaspar, como Pe. Melinho... Não são sonhos nem utopia. São esperanças.

2. Viveu neste casarão, dezessete anos, um professor inteligente e culto que nunca aceitou subir à ribalta das exposições, mas escondia-se no seu escritório, onde os seminaristas o procuravam com o desejo de iluminar-se com as palavras sóbrias e profundas que lhe vinham do tesouro do coração. Anos a fio, lecionou filosofia, sem nunca levar para as aulas sequer uma ficha ou um pró-memória.

Ensinou pedagogia e arte sacra. Músico, poliglota, não havia aluno que se não encantasse com o seu dizer, colorido sempre de beleza. Mais tarde assumiu a cátedra de teologia com singular proficiência. Distinguia-se pelo amor à Verdade, cuja busca foi quase obsessão de sua mente. O olhar de lince de Pio XII o avistou de longe e o fez bispo. De novo, abriu-se um vazio no Seminário da Imaculada: Dom Antônio Maria Alves de Siqueira. Um mestre, que ilustrou a família sacerdotal desta Arquidiocese.

Estas pinceladas biográficas nos levam ao segundo momento desta tertúlia: o amor à Verdade, à Palavra de Deus.

O padre é para o povo cristão a testemunha da Verdade revelada. "Vós sereis minhas testemunhas" (At 1, 8). Por isto, sua fé tem de ser viva e forte, irradiando verdadeiro sentido de *martyria*. Fé esclarecida nos estudos teológicos sólidos, que haure na Revelação divina sua força, como ensina a *Optatam Totius* (nº 16).

Quando o Papa atual, consciente de seu ministério apostólico, começou as viagens pelo mundo, a imprensa os intelectuais, os analistas dos ratos internacionais temiam que o Papa não fosse bem acolhido no país que se auto-considera a Pátria da cultura - a França. Deu-se o contrário. A Folha de São Paulo, em belo artigo de Flávio Rangel, registrou a passagem de João Paulo II por Paris: "O povo veio ver, tocar, ouvir esse Papa robusto, firme, simples, terrivelmente tranqüilo que crê naquilo que proclama. Isto se vê e se sente. É exatamente isto que o torna fascinante. Não é ele torturado pela interrogação. Ele habita esses tempos turbulentos com serenidade e fé intransigentes". É o Papa da certeza, concluía o articulista.

Não é sem razão que a *Pastores Dabo Vobis* recomenda como "essencial na formação intelectual o estudo da filosofia que leva a uma compreensão mais profunda da pessoa, da sua liberdade, das suas relações com o mundo e com Deus" (nº 52). Mas - acrescenta - o fundamento da formação sacerdotal é a *sacra doctrina*, escrupulosamente respeitada (nº 53), que exige o conhecimento de "todas as verdades cristãs, sem opções arbitrárias" (nº 54). Por isto, a recente *Fides et Ratio* lembra que "o autor sagrado (dos livros sapienciais), ao querer descrever o homem sábio, o apresenta como aquele que ama e

busca a verdade" (nº 16).

Entre o que hoje se edita no campo teológico nem tudo merece adesão incondicional, à luz da fé. É de se esperar dos mestres que desenvolvam nos alunos o imprescindível sentido crítico para que saibam distinguir, aceitar e rejeitar. O teólogo não é "cação agitado pelo vento..." (Mt 11, 7).

Há algum tempo, o conhecido Padre Comblin (REB, junho, 1981) fez contundente crítica ao ensino da teologia nos seminários, chegando mesmo a dizer que este estudo, como é feito, não tem condições para preparar os jovens para o ministério e a evangelização. E dá as razões em que julga apoiar-se: teologia essencialmente crítica; teologia que levanta problemas e não os resolve; teologia que multiplica as questões sem lhes dar respostas, de tal modo que os alunos "saem com a impressão de que ninguém sabe o que deve crer".

Parece-me que tão grave acusação deve ser recebida como zelosa advertência para quem ensina, não como situação "partout" vigente.

O padre é a testemunha qualificada da Verdade, isto é, da Palavra de Deus, que é Jesus Cristo. Será o feliz anunciador de Jesus. Este anúncio se faz pela voz, pelo escrito, pelo canto, pela arte, pelo testemunho.

Esta é a nossa missão. Esta será, no século que vem chegando, a nobre e divina missão dos que hoje se pre-

param aqui para o amanhã.

3. Por certo, os aqui mais velhos não devem ter-se esquecido de uma singular figura de sábio e de padre, que aqui viveu e lecionou por não menos que trinta anos.

Viera, a título de empréstimo, de Mariana, lá pelos idos de 1913. O bandeirante Dom Duarte sabia que em Minas é que se encontram as pedras preciosas... Lecionou, de início, Teologia Dogmática que estudara em Roma com o Cardeal Billot. Passou depois para a cadeira de Escritura Sacra, com o acréscimo de língua hebraica e grego bíblico. Assessor dos dois primeiros Arcebispos em questões canônicas. Não tinha vacilações nas respostas, graças à cultura e à memória. Seu nome: Monsenhor Dr. José Procópio de Magalhães. Nunca o fulgor da inteligência o impediu de ser simples e lhanho no trato.

Já idoso, a saúde não lhe permitia descer as escadas e atender, a todo momento, na velha portaria, os pobres que vinham procura-lo. Por ele eram generosa e discretamente atendidos. Sabia ama-los. Pagava-lhes as receitas e outras despesas necessárias. O traço característico da personalidade de Monsenhor Procópio foi ter o coração cheio de caridade, sempre aberto para os pobres, tornando-se para eles a presença instrumental da Providência que cuida dos lírios, das aves e dos abandonados da terra.

Também ele era nosso. Da nossa estirpe presbiteral de São Paulo.

Não quero agora pensar no padre fervoroso e santo, inteligente e iluminado, que prega ou vai pregar a Verdade do Evangelho. Fico pensando no povo - nosso povo - multidão esparramada pelos subúrbios distantes, pelas inseguras encostas dos morros, pelas beiradas dos córregos, pelos tugúrios das periferias, necessitada do pão que mata a fome do corpo e mais necessitada ainda do Pão da Palavra, que sustenta a vida da alma.

No Evangelho de Marcos (8,2), Jesus compadeceu-se - da turba que, três dias havia, não tinha o que comer. E lhes deu a eles o pão. Necessário saber compadecer-se, sofrer com o irmão, sentir-se samaritano que desce e se debruça sobre o desconhecido da sarjeta.

Hoje, na vastidão das nossas dioceses e paróquias, apesar do zelo heróico de tantos, as ovelhas se dispersam sem pastor (Mt 9,36). Ou buscam pastores que não são pastores... É a elas que somos enviados, não como visitantes curiosos e ocasionais, mas como presença fraterna, humilde, amorosa de quem representa de verdade o senhor Jesus. Possam os despossuídos sentir-nos "clones" de Jesus. Para isto, muitas vezes, mister se faz verdadeira conversão, como nos adverte Jesus: "se vos não converterdes, todos

perereis" (Lc 13, 5). Diante das multidões a que somos enviados, qual a necessária bagagem do padre no terceiro milênio de Cristo? Ousaria dizer que o ministro do Evangelho, nos novos tempos que se avizinham (até já os estamos vivendo), precisa de quatro tesouros: do genuflexório, do Evangelho, do cajado de peregrino e de um coração enfartado de misericórdia e de amor pelos pobres, pelos sofridos, pelos que choram, pelos que perderam a esperança... Como São Vicente de Paulo, como São Martinho de Lima, como Ir. Dulce da Bahia, como Dom Helder do Brasil, como Monsenhor Procópio do seminário de São Paulo.

"No meio das tabas, de amenos verdores, cercadas de troncos, cobertos de flores", sentados em roda, ouvistes histórias do nosso passado, gestas que enobreceram a tribo, lições que fortificam a alma para as lides de amanhã, talvez até segredos de Deus aos que Ele chamou.

Qual velho Timbira, dos campos de Piratininga, sem canitar nem enduape, guardo na memória as grandezas do passado que eu vi e dou testemunho do que de meus antigos mestres aprendi.

E mais: vi brotar do chão da Igreja de São Paulo esta Escola de Teologia. Haste verde, era flor de esperança. Hoje é árvore de opimos frutos. Cinquenta anos se passaram.

"Meninos, eu vi!"

São Paulo, 26 de Fevereiro de 99

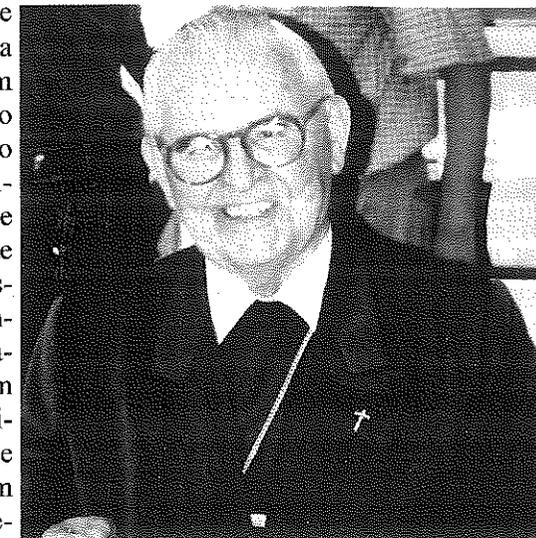
Dom Benedito de Ulhoa Vieira foi o primeiro doutor da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e também seu Reitor. Hoje é Arcebispo Emérito de Uberaba, MG.)

CIDADANIA E ESPERANÇA

Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns

Foi com grande alegria que aceitei o convite para falar esta noite. Tenho grande dívida com todas as Igrejas de Cristo em São Paulo e há uma coisa que devo especialmente à Igreja Presbiteriana: a colaboração, de nove anos, do Revdo. Jaime Wright, que trabalhou comigo no mesmo escritório, para transmitir esperança ao povo, para insistir na cidadania daqueles que desfrutavam de uma certa liberdade e exerciam influência maior no povo e que não tinham medo de serem presos, torturados, desaparecerem, ou, quem sabe, suas famílias sofrerem conseqüências de um ato de coragem, ou um ato de ajuda fraterna ou de solidariedade humana.

Durante nove anos, nós pudemos falar de cidadania, comunicar esperança e até publicar o livro "Brasil Nunca Mais" que nasceu do coração de nós dois, no mesmo local - a Cúria Metropolitana de São Paulo - onde eu o chamava de "meu Bispo Auxiliar para assuntos ecumênicos", meu irmão Jaime - e assim o será por toda a eternidade -, porque o bem que ele fez neste Brasil, ninguém jamais irá medir ou recompensar. E isto tudo passa para a Igreja inteira e por todas as igrejas que lutam para que haja cidadania respeitada e também esperança cultivada.



Eu gostaria de conversar com vocês de maneira muito simples, porque não costumo falar complicado e porque o tema proposto me parece extremamente importante.

Acabamos de sair, faz três dias, de um movimento de cidadania - as eleições - que durou meses, para esclarecer o que cada cidadão tem direito de exigir daqueles a quem iria dar o voto. Durante meses e meses desenvolveram-se as discussões e pouco se concluiu no sentido de dar esperança a todo o futuro do Brasil. Mas espero que chegaremos um dia, apesar disso, pela oração e também pela nossa união - união de todas as Igrejas - a experimentar uma esperança segura e firme a partir da cidadania.